

ATENÇÃO Este site utiliza *cookies*. Ao navegar no site estará a consentir a sua utilização. Saiba mais sobre o uso de cookies. ✕

Insira o texto a pesq



PT ▾

MAIL CARROS CASAS FOLHETOS VOUCHER EMPREGO VÍDEOS BLOGS

RESTAURANTES JORNAIS LIFESTYLE MAG

INÍCIO ATUALIDADE DESPORTO ECONOMIA VIDA TECNOLOGIA

Seguir @sapo Iniciar sessão

Investigação revela que é possível reverter sintomas de autismo na fase adulta

Pub

LUSA @17 de Fevereiro de 2016, às 18:24

Um estudo hoje publicado na revista 'Nature' revela que é possível reverter alguns comportamentos ligados ao autismo na fase adulta.



ÚLTIMAS

Cabo Verde lança megaoperação de fiscalização no setor do turismo

Órgãos judiciais em Angola estão "manietados" e juizes são "uns coitados" -- Marcolino Moco

Governo quer gestão da STCP nas mãos das autarquias a 01 de janeiro de 2017

Negociações entre estivadores e Porto de Lisboa prolongam-se por mais um mês

Lojas tradicionais de Lisboa querem isenção de taxas cobradas pelas freguesias

MAIS LIDAS

Desenvolvida por uma equipa de cientistas norte-americanos e pela portuguesa Patrícia Monteiro, do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) da Universidade de Coimbra (UC), a investigação incidiu sobre o 'Shank3', um dos genes implicados no autismo, afirma a UC, numa nota hoje divulgada.

O autismo é uma patologia sem cura que afeta cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo, estimando-se que a prevalência em Portugal seja de um caso em cada milhar de crianças em idade escolar.

A origem do autismo é "bastante variável", mas o 'Shank3' está "associado a uma forma monogénica da patologia" e, quando surge uma mutação, "a proteína resultante deste gene -- que funciona como um 'andaime' que dá acesso à comunicação entre neurónios -- deixa de suportar a estrutura, causando danos no circuito neuronal", explica a UC.

Para compreender o autismo, doença neuropsiquiátrica que compromete o normal desenvolvimento da criança e que permanece durante toda a vida, os especialistas desenvolveram, durante quatro anos, experiências em ratinhos adultos.

Os animais foram sujeitos a mutação do gene, tendo as experiências revelado, "pela primeira vez", que é "possível reverter dois dos principais sintomas do autismo: ausência de interação social e comportamentos repetitivos".

Ou seja, os investigadores conseguiram "consertar o "andaime" e restabelecer a

Brasileiros instalam no sul de Angola 40 fazendas para travar importações de carne

Encapuzados rebentam caixa multibanco em Vendas das Raparigas

Concurso premeia melhor ideia para combater "despovoamento dramático" no Alentejo

Juros da dívida de Portugal a cair a dois, cinco e dez anos

Maior banco de Abu Dhabi diz que petróleo pode descer para 20 dólares

comunicação na estrutura "durante a fase de vida adulta desses ratinhos, demonstrando que é possível reverter as alterações bioquímicas, problemas de comunicação neuronal e mesmo melhorar as interações sociais e comportamentos repetitivos", explicita Patrícia Monteiro, citada pela UC.

A especialista portuguesa participou no estudo ao abrigo do Programa Doutoral em Biologia Experimental e Biomedicina do CNC em parceria com o MIT (Massachusetts Institute of Technology), que lidera esta investigação.

A descoberta "abre portas para a criação dos primeiros medicamentos eficazes no tratamento da doença", sustenta Patrícia Monteiro, adiantando que "estes resultados indicam que, embora o autismo seja uma perturbação do desenvolvimento, é possível intervir na sua fase adulta".

As experiências em ratinhos não têm aplicação direta nos humanos, mas Patrícia Monteiro sublinha que o estudo "ajuda a compreender o conjunto de alterações biológicas presentes no autismo e abre portas para o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas, como por exemplo estratégias direcionadas para a melhoria de certas alterações comportamentais passíveis de serem revertidas em fase adulta e não para o quadro de alterações comportamentais do autismo como um todo".

A participação portuguesa na investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), enquanto pela parte dos EUA o estudo foi apoiado por cinco entidades.